

Apresentação

ÁFRICAS EM MOVIMENTO: LITERATURAS, CULTURAS, HISTÓRIAS, SOCIEDADES

Ser africano é, primeiro, ser um homem livre ou, como problematizou Frantz Fanon ‘simplesmente um homem entre outros homens’. Um homem livre de tudo, e portanto, capaz de se auto-inventar. A verdadeira política de identidade consiste em incessantemente alimentar, actualizar e reactualizar as suas capacidades de auto-invenção.

Achille Mbembe

O texto de abertura deste número é da autoria do Prof. Dr. Lourenço do Rosário, Reitor da Universidade Politécnica, Moçambique, intitula-se *Nacionalismo e Renascimento Africano* e vem em boa hora fazer uma revisão histórica desses conceitos no quadro de uma África do século XXI, em que a União Africana e a estratégia para África 2063 revelam-se uma importante utopia para a dinâmica da história. O quadro histórico-ideológico que aqui é traçado para refletir sobre as mutações no continente africano é de grande importância e permite enquadrar e entender antigas e novas práticas literárias, artísticas e culturais. O ensaísta adverte: “[...] podemos afirmar que as sementes lançadas pelas ideias nacionalistas dos pais das independências não morreram, apesar da longa noite das ditaduras e golpes de estado, e que hoje renascem a partir da acumulação das experiências vividas, com a consciência de que pensar em democracia em África não tem de ser necessariamente seguir os paradigmas das democracias ocidentais, apesar dos valores universais dos direitos consagrados.” Cabe ao estudioso dos estudos culturais africanos, ao seguir a exposição de Lourenço do Rosário, pensar na importante trilogia de Achille Mbembe De *La Postcolonie* (2000) *Sair da grande noite* (2010) e *Crítica da Razão Negra* (2014) que articula os momentos enunciados pelo ensaísta moçambicano numa revisão crítica sobre a descolonização africana e os novos rumos que seus intelectuais mobilizam e anseiam.

Na primeira seção deste número, enfeixada sob o rótulo de *Literaturas africanas hoje* os pesquisadores analisam diversos aspectos das narrativas produzidas na África em diferentes idiomas (português, inglês e francês), sob uma perspectiva comparativa ou não, examinando notadamente obras e autores daquele continente. Cotejam-se contos de Guimarães Rosa, Bernardo Élis e Mia Couto, no tocante à oralidade, à modernidade e ao nacionalismo; repõe-se o problema da língua literária em Mia Couto, a qual permite ultrapassar inúmeras barreiras culturais; discutem-se sob a égide dos estudos pós-coloniais espaços e tempos presentes na contística de Alex La Guma, Grace Ogot e Chinua Achebe; considera-se a figuração de narradores e personagens como

tradutores/intérpretes de situações culturais, sociais e políticas peculiares em Ahmadou Khourouma e Chinua Achebe e, finalmente, debate-se a chaga do racismo num romance de Bessie Head.

A segunda seção intitulada *Gênero, Viagem e Poética Pós-Coloniais* apresenta diferentes artigos em que os autores elaboram uma reflexão sobre questões de gênero, a partir das diversas formas de celebração da memória da Rainha Ginga ocorridas nos últimos anos, tendo em vista as suas dimensões contraditórias, bem como observa a obra de Paulina Chiziane em que as personagens femininas são entendidas como representações de dilemas culturais, históricos e sociais na sociedade moçambicana. Por outro lado, a viagem é tratada como metáfora da construção identitária rumo às tradições ancestrais angolanas e moçambicanas, que promovem a interação entre tais tradições e a modernidade de narrativas pós-coloniais de Boaventura Sousa Santos e Mia Couto. Estudam-se, ainda, a reutilização do discurso colonial e o diálogo entre o discurso colonial e o pós-colonial que se estabelece no texto do romance *O Olho de Hertzog* de João Paulo Borges Coelho. A dimensão poética da prosa de Ondjaki é tema relevante na análise do seu último romance *Os Transparentes* e, por último, a poesia fundadora, cosmopolita, liberta de amarras territoriais, de Rui Knopfli, é problematizada enquanto periferia do cânone literário vigente.

Na antepenúltima seção do número em causa, que levou o título de *Nação, História, Memória e teorias*, antigas e renovadas questões reaparecem sob o percuciente olhar de pesquisadores que encontram, na literatura e na teoria cultural, um suporte significativo para esquadrihar conceitos-chaves como nação, história e memória e, assim, tentar compreender a multiplicidade e a diversidade que caracterizam o continente africano. História e trauma conduzem a análise do primeiro livro de contos de Luandino Vieira; história e memória são acionadas para visitar um remoto período de resistência angolana num romance de Arnaldo Santos; nação e identidade são instrumentos conceituais relevantes para examinar a trilogia romanesca de Abdulai Sila; narrativa curta e epistolografia são contrastadas num conto de Orlando Amarilis; romance e história são reaproximados na leitura de uma obra de Germano Almeida e, para terminar o bloco, dois pensadores da cultura, um português e um moçambicano, são mobilizados para reavaliar o colonialismo numa concepção decolonial.

A penúltima seção, *Narrativas Escritas e Visuais* reúne um conjunto de textos, a maioria apresentada no Colóquio *Escritas & Cinemas nos Países de Língua Portuguesa* (CEsA, Lisboa, 2015), permite constatar a diversidade de opções, interações e diálogos narrativos, nos países africanos de língua portuguesa, entre pintura, teatro, romance, conto, documentário e longa metragem. Um dos artigos trata da representação da cidade de Lisboa em diversas produções culturais: poesia, teatro e documentário. Outro mostra como *A corda*, de Pepetela, e *O grande circo autêntico*, de José Mena Abrantes, levam à cena discussões políticas, envolvendo o espectador nas ideias de uma causa filosófica e sociológica, articulando as tensões entre arte/sociedade. Lemos uma análise do documentário *Ngwenya, o Crocodilo*, da cineasta moçambicana Isabel Noronha e o diálogo interartístico entre o pintor Malangatana Valente e o escritor Mia Couto. O tratamento do documentário *Hóspedes da noite* (2007) de Licínio de Azevedo revela a história do Grande Hotel da Beira, interagindo com a estória “Casas de ferro” (2005), de

João Paulo Borges Coelho. São também analisados os processos de construção da nação a partir da análise de *Terra Sonâmbula*, de Mia Couto, e do filme de mesmo nome, dirigido por Teresa Prata. A focalização da luta da mulher contra a exploração sexista da política nacional frelimiana é tratada em dois filmes: *Virgem Margarida* de Licínio de Azevedo (2012) e *O Jardim de Outro Homem* de João Luís Sol de Carvalho (2007). E por último, uma reflexão filosófica sobre viagem e "linhas de fuga" lança uma luz diferente sobre o filme de Flora Gomes *Republica di Mininus* (Guiné-Bissau, 2013) e sobre o documentário *Ilha dos Espíritos*, de Licínio de Azevedo (Moçambique, 2009).

Por fim, o número dedicado aos estudos africanos apresenta duas relevantes entrevistas realizadas com personalidades da arte e da cultura em África na contemporaneidade. Na primeira, destaca-se o diálogo entre uma geração de jovens artífices moçambicanos que combinam diferentes códigos para ressignificar e interrogar o fazer artístico na atualidade. Na segunda, temos a honra de publicar o depoimento de um importantíssimo cineasta guineense, Flora Gomes, cuja obra fílmica concilia dilemas sociais, políticos e culturais da África negra e refinada elaboração estética, num cinema autoral plenamente conseguido.

Para concluir, podemos afirmar que o número 41 da *Cerrados* sobre uma África plural, disponível ao leitor interessado, conseguiu coligar uma extensa gama de pesquisadores comprometidos com os estudos culturais africanos, assim, a qualidade dos trabalhos publicados poderá aquilatar o esforço empreendido pelos investigadores, o que justifica a necessidade de uma ampla divulgação digital de tal investimento intelectual, dando a conhecer a produção africana contemporânea ou das últimas décadas do século XX, para além dos suportes convencionais em papel. Afinal, estamos a nos referir a um continente em movimento, plenamente inserido nos dilemas do mundo globalizado, sem perder de vista as epistemologias vigentes, não só as do Sul, mas também as de outros quadrantes, que embasam tão pertinentes reflexões.

Ana Claudia da Silva
Ana Mafalda Leite
Edvaldo A. Bergamo
Organizadores

Presentation

MOVING AFRICAS: LITERATURES, CULTURES, HISTORIES, SOCIETIES

To be African is to be, above all, a free man or, as argued by Frantz Fanon 'simply to be a man among other men'. A man free from everything, and therefore, capable of self invention. The true policy of identity consists in feeding, updating and reupdating, relentlessly, this person's capacity for self invention.

Achille Mbembe

The opening text for this number is authored by Professor Lourenço do Rosário (PhD) Dean of the Universidade Politécnica, Mozambique, entitled “Nationalism and African Rebirth” and comes in a good moment to make a historical reassessment of these concepts envisaging a XXI century Africa, in which the African Union and the strategy for Africa 2063 reveal to be an important utopia for the dynamics of history. The historical-ideological perspective here drawn reflects upon the mutations in the African Continent and is of a great importance, allowing to frame and understand ancient and new literary, artistic and cultural practices.

The Essayist warns us: “[...] we can affirm that the seeds thrown by the nationalistic ideas of the founding parents of the independencies didn't die, in spite of the long night of dictatorships and coups, and today they start to be reborn from the accumulation of experiences, with the conscience that thinking of Democracy in Africa don't have to be, necessarily, the following of the paradigms of western democracies, albeit the universal values of the consecrated rights.” It is up for the researcher of African Cultural Studies to follow the text of Lourenço do Rosário thinking of the important trilogy of Achille Mbembe: *La Postcolonie* (2000) *Sair da grande noite* (2010) e *Crítica da Razão Negra* (2014) which articulates the moments brought by the Mozambican essayist with a critical review about African Decolonization and the new paths that their intellectuals mobilize and long for.

In the first section of this number, wrapped up under the title ‘African Literatures today’, the researchers study the many aspects of the narratives made in Africa in different languages (Portuguese, English, French), with and without a comparative perspective, looking closely to authors and works of that continent. Comparisons are established between short stories by Guimarães Rosa and Mia Couto, concerning oral marks, modernity and nationalism; the question regarding the literary language in Mia Couto, which allows the crossing of many cultural barriers, is readdressed; under the flag of the postcolonial studies the time and space presented in the short stories of Alex La Guma, Grace Ogot and Chinua Achebe and, finally, the open wound of racism is discussed in a novel by Bessie Head.

The second Session is entitled “Gender, Travel and postcolonial poetics” it brings different articles in which the authors reflect upon gender questions, as the manifold ways to celebrate the memory of queen Ginga, happened in the last years,

considering its contradictories dimensions, as observed in the works by Paulina Chiziane, in which feminine characters are understood as representations of cultural, historical and social dilemmas in Mozambican societies. On the other hand, the trip is considered as a metaphor for the identity construction towards the ancestral Angolan and Mozambican traditions, which promote the interaction between such traditions and the modernity of the postcolonial narratives of Boaventura Sousa Santos and Mia Couto. Furthermore, there are studies concerning the reusing of the colonial discourse and the dialogue between those colonial and postcolonial, as established in the text of the novel *O Olho de Hertzog* by João Paulo Borges Coelho. The poetical dimension of the prose of Ondjaki is a relevant theme in the analysis of his last novel *Os Transparentes* and, lastly, the founding, cosmopolitan, free from territorial bondages, poetry of Rui Knopfli is discussed as periphery of the ruling literary canon.

In the third to last section of the present number, with the title of “Nation, History, Memory and Theories”, old and renewed questions reappear under the acute eyes of researchers who find, in literature and cultural theory, a meaningful hold to perscrutate key concepts as Nation, History and Memory and, thus, try to understand the multiplicity and the diversity that shape the African continent. History and trauma guide the study of the first book of short stories by Luandino Vieira; History and Memory are activated to revisit a long gone period of Angolan resistance in a novel by Arnaldo Santos; Nation and Identity are conceptual instruments relevant to examine the novel trilogy of Abdulai Sila; short narrative and epistolography are contrasted in a short story by Orlando Amarilis; novel and history are brought close together again by the reading of a work by Germano Almeida and, to finish the section, two cultural thinkers, one Portuguese and the other Mozambican are drafted to reassess colonialism in a postcolonial conception.

The penultimate section, “visual and written narratives” assembles a group of texts, mainly presented at Colóquio *Escritas & Cinemas nos Países de Língua Portuguesa* (CEsA, Lisbon, 2015), it allows us to verify the diversity of options, interactions and narrative dialogues, in the Portuguese speaking African countries, concerning painting, theater, novels, the short story, documentaries and full length feature film. One of the articles deal with the representation of the city of Lisbon in many cultural products: poetry, theater and documentary. Another one shows how *A corda*, by Pepetela, and *O grande circo autêntico*, by José Mena Abrantes, take into the scene political discussions, taking the spectator into the ideas of a philosophical and sociological cause, articulating the tensions between art/society. Then there is a reading of the documentary *Ngwenya, o crocodile*, by Mozambican movie maker Isabel Noronha and the multi-artistic dialogue between the painter Malangatana Valente and writer Mia Couto. The analysis of the documentary *Hóspedes da noite* (2007) by Licínio Azevedo reveals the history of the Grande Hotel da Beira, interacting with the story *Casas de Ferro* (2005), by João Paulo Borges Coelho. Also studied are the processes of Nation building through *Terra Sonâmbula*, by Mia Couto and the movie of the same name, by Teresa Prata. The female struggle against the sexist exploitation of the frelimian national policy is discussed in two films: *Virgem Margarida* by Licínio de Azevedo (2012) and *O Jardim de Outro Homem* by João Luís Sol de Carvalho (2007). Last, a philosophical reflection on “vanishing points” shedding a different light on Flora Gomes’ *Republica di Mininus* (Guiné-Bissau, 2013) and the documentary *Ilha dos Espíritos*, by Licínio de Azevedo (Mozambique, 2009).

Last, the number dedicated to African studies presents two relevant interviews made with important personalities of art and culture in Contemporary Africa. First there is the dialogue between a generation of Young Mozambican craftsmen that combine

different codes to give a new meaning and question contemporary artistic activity. Second, we have the honor to publish the witnessing of a very important Guinean movie maker, Flora Gomes, whose films conjugate social, political and cultural issues of Black Africa with a refined aesthetical elaboration, in a fully achieved authorial cinema.

To conclude, one may affirm that *Cerrados 41* is about a plural Africa, available to the interested reader, it could join a vast array of researchers committed with African Cultural Studies, thus, the quality of the published works can testify to the effort of the authors, what justify the need for a large digital broadcasting of such an intellectual investment, introducing contemporary, or late XXth century's, African production beyond the traditional media of the paper. After all, we are talking about a continent in movement, fully inserted in the dilemmas of the globalized world, without losing sight of the ruling epistemologies, not only those of the south, but also those of the other areas, that uphold such pertinent reflections.

Ana Claudia da Silva
Ana Mafalda Leite
Edvaldo A. Bergamo
Editors